

Como garantir a sustentabilidade do Alentejo ■ PV

Elon Musk e a Internet via satélite para o planeta ■ PVI

“Não me alimento da tristeza para compor”

Está a escrevê-lo e, em 2017, Mayra Andrade terá novo disco. Para já vai atuar no Vodafone Mexefest, fala dos 14 anos em Paris, da mudança para Lisboa e do que foi o trabalho até aqui. ■ PII/III





ENTREVISTA Mayra Andrade
Música

“Próximo disco terá mais português do que crioulo”

Em 2017 vai chegar o seu quinto trabalho. Agora, a artista revê o percurso, fala sobre a mistura de influências na sua música e de receios com a subida da extrema-direita.



Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

Vem aí um novo disco?

Estou a compor e será em 2017.

Em que altura do ano?

Não vou avançar datas [risos], ainda estou numa fase muito solitária do trabalho...

Entretanto, há cerca de um ano, houve a mudança para Lisboa: foi muito radical ou mais um reenquadramento?

Não sei se radical pode empregar-se perante a proximidade geográfica dos dois países, mas há uma enorme mudança no que diz respeito à qualidade de vida que tenho em Lisboa. Começando por este tempo – tenho uma pessoa que chegou da Alemanha e está absolutamente alucinada com o estado do tempo! Desfruto disso e valorizo isso todos os dias, porque vivi 14 anos em Paris e sou uma planta verde, preciso de sol... Era im-

portante manter-me na Europa e num sítio central, penso que consigo afirmar o meu projeto tendo como base Lisboa.

Isso reflete-se no seu trabalho?

Sim, não componho quando me sinto mal, não me alimento da tristeza para compor.

Como foram 14 anos em Paris?

Foram anos incríveis, tornei-me mulher em Paris, fui para lá ainda menor com 17 anos. É uma cidade com a qual terei sempre uma relação muito afetiva porque me construí, bem ou mal, naquela cidade. Não é fácil, é dura, precisamos de ter resistência...

Arranjou uma carapaça?

Penso que já começava a pesar e tive vontade de ir para um sítio onde pudesse soltar essa carapaça. Aqui estou a sentir-me muito bem. Mas Paris é a cidade que me viu começar a carreira, tive imensas oportunidades, foi de onde o meu nome irradiou para o mundo – mesmo que os primeiros concertos tenham sido

ainda em Cabo Verde com 15/16 anos –, comecei aí o contrato com a Sony, tenho lá muitos amigos e músicos muito talentosos com quem tive o prazer de partilhar música e isto não se apaga. Espero continuar a ir lá àquela espécie de celeiro e fonte onde posso ir beber.

Como se reflete na sua música o facto de ter nascido em Cuba, vivendo em Cabo Verde, Angola, Senegal, Alemanha e França?

Costumo dizer que a minha forma de ver a vida, logo, de fazer música, foi desenhada por esse percurso. Se fizesse música 100% tradicional é que seria muito estranho. Quem me conhece ou conversa um bocadinho comigo percebe que cada disco representa muito bem cada etapa desta vida. Só não existe registo dos meus primeiros anos pois não gravei nessa altura, apesar de ter recebido convite quando tinha 10 anos – a minha mãe não deixou e eu queria morrer! Parecia o fim da

São coisas diferentes e complementares, mas sou mais intérprete do que compositora

carreira de artista quando sempre me senti cantora...

Tem cantado em crioulo, português, inglês, francês: vem aí outro idioma?

Também já cantei em italiano ao vivo em Itália, mas estou num momento em que o português ocupa um espaço maior nas minhas ideias. É a primeira vez que me parece ser tão natural cantar em português e isso nem é por estar em Lisboa. Tenho um período de incubação muito longo e há ano e meio/dois anos isso já era uma vontade. Tenho duas músicas gravadas em português nos quatro discos e isso não é muito para quem tem esse idioma como língua materna. Então, penso que o próximo disco terá mais português do que crioulo.

O que é melhor para si em termos de deixá-la mais completa: cantar ou compor?

[risos] Essa é uma questão difícil... Como hei-de explicar? Cantar é como respirar, é uma vocação; compor é uma necessidade



Cristina Bernardo

no foram momentos privados em casa dele, com amigos, em que tive oportunidade de cantar para ele e ele para mim, mas não foi gravado. São retribuições que a vida nos oferece, coisas que nos dão visibilidade ou prestígio, mas, antes de mais nada, se não levar em conta o que isso provoca nos outros, vejo como gratificações que a vida nos dá. São pessoas que admiro e já fizeram mais do que se calhar vou conseguir em toda a vida. Entendo-o como algo de privado. Vivi esses encontros de forma íntima, são momentos que ninguém viu.

E a recente colaboração com Branko?

A música [“Reserva pra Dois”] foi gravada há cerca de dois anos, mas ele optou por não a incluir no disco “Atlas”. Mais recentemente, pediu-me para introduzir a música como bónus na reedição do “Atlas” e é surpreendente porque tem vida própria. Ele próprio está surpreendido com as reações.

Como caracteriza os seus trabalhos até hoje?

Não é fácil resumir. “Navega” é um marco, pois já andava a fazer concertos há cinco anos quando o gravei e havia muita expectativa. Foi uma espécie de salto no vazio: entrei em estúdio e tinha 20 dias ou um mês para gravar tudo, não houve ensaios nem arranjos antes, apenas tive a inteligência de escolher músicos bons e que iriam dar-se bem a tocar juntos. Gravávamos três ou quatro músicas por dia, o que era imenso. E, à medida que as bases estavam feitas, aí pensava-se em quem chamar, foi tudo feito meio às cegas. Ainda não sabia gerir a minha energia e dava tudo todos os dias – chegava à altura de gravar as vozes exausta e, por isso, mais de metade das vozes do disco são guias que gravei ao vivo com os músicos, porque depois tentei fazer e não saía tão bem, só me apetecia chorar... Penso que fui corajosa, mas também não sabia o que me esperava e o som é *rough*.

E o segundo?

O “Stória, Stória” é um disco de princesa – tudo o que não tive no primeiro quis ter neste: bateria, piano, cordas, sopros, percussão, foi gravado na Bahia, em São Paulo, no Rio, em Havana, em Paris, foi um disco caro...

Muito viajado...

Sim, é um disco bonito e mais sofisticado. O “Studio 105” é ao vivo, gravado na Maison de la Radio, mas não é normal, no final de uma tournée em que decidimos gravar o momento. Foi outro salto no vazio, porque fizemos quatro dias de ensaios e arranjos, retomei músicas dos discos anteriores e algumas covers como o “Michelle”, dos Beatles. No quinto dia gravámos com público, transmitido em direto na rádio para todo o país e filmado,

portanto, tive a impressão de que estava nua à frente de toda a gente! A ideia era que fosse uma espécie de CD bónus numa reedição do álbum e aceitei fazer. Entretanto, a Sony achou que aquele material valia por si e podia ser lançado como CD/DVD e isso aconteceu. Acabou por ser como uma gravidez de que não se sabe – vai-se ao hospital com dores de barriga e dizem que se vai ter um filho [risos]... quase isso! Foi giro porque fiz um ano de tournée com este disco. O “Stória, Stória” tinha cinco músicos no palco, bateria, guitarras, um set de percussão enorme, era uma barulhada.

E depois?

Depois senti vontade de ir para uma coisa mais minimalista. Todos os discos foram consequência uns dos outros. O “Studio 105” tem arranjos mais *jazzy*, é mais silencioso, mais *cosy*. Os arranjos foram feitos pelo Munir Hossn que trabalhava comigo na altura. É muito talentoso, mas tem tendência para arranjos complexos. Isso provocou em mim uma vontade funda de ir para uma linguagem mais simples e pop que há no “Love me Difficult”. Este é o disco que faz mais jus aos 14 anos de Paris, em que me libertei mais da linguagem *world music* e de ter de cantar em crioulo, dando espaço a parcerias com artistas e colaboradores fabulosos com quem nunca tinha trabalhado porque não escreviam em crioulo. É um tributo a essa fase da minha vida, aliado a um *flirt* com a pop e um som mais contemporâneo. **Prefere grandes audiências ou ambientes mais acolhedores?**

Prefiro não ter tédio e, para isso, é preciso variar os sabores.

Qual é o público mais caloroso?

Esta pergunta não tem uma resposta só. Não é fácil, às vezes temos surpresas, nomeadamente no norte. Não é por estar em Portugal, mas o público português é dos mais calorosos; o brasileiro, extremamente caloroso, é fã quase no sentido de fanático, dá-nos uma cascata de amor! Em Cabo Verde recebo muito carinho e respeito. Mas as reações são sempre condicionadas pela vertente cultural – no Japão as pessoas gostam muito da minha música, mas a forma como se expressam é diferente da nossa.

Nunca se sentiu atraída pelo teatro e pelo cinema?

Já recebi convites para cinema e, em França, substituí uma cantora cabo-verdiana que fazia parte de uma peça, foi giro. A minha família até pensava que ia fazer artes dramáticas! Não tenho explorado muito e gostava.

O seu sim depende do argumento e do realizador?

De ambos, claro. Por exemplo, se o Almodóvar me convidar para fazer de gato, eu farei, porque sei que será feito com elegância e com um olhar que é o dele. ■

“Há demasiada distância entre o povo e quem o governa”

Como tem seguido a evolução política de Portugal?

Vou ser muito sincera: gosto das pessoas, de causas, da sociedade, mas sou muito pouco ligada à política. Só sei que o António Costa fez um trabalho fabuloso no bairro onde vivo e espero que nesta posição faça mais por Portugal. Tenho seguido mais a política em França.

Está preocupada com a subida da extrema-direita?

Estamos a viver um momento em que podemos ser surpreendidos com essa subida. Sou de esquerda, mas, infelizmente, não sei se Hollande tem sido a melhor pessoa para enfrentar a subida da extrema-direita. Não votarei porque não estou recenseada – aliás, embora tenha vários passaportes, o único país no qual voto é Cabo Verde.

Como vê a União Europeia e a crise dos refugiados?

Não gosto de falar do que não entendo e não vou falar da União em si, mas, em relação aos refugiados, penso que as pessoas vivem anestesiadas. Há demasiada distância entre o povo e quem o governa. Quando me sinto triste e revoltada não sei como fazer chegar isso ao coração de quem

está lá em cima e isso acontece com muita gente. É absolutamente horrível o que está a acontecer na Síria e saber que todos os dias há pessoas que se afundam numa travessia. As pessoas esquecem-se muito depressa que já foram refugiados e fico um bocado perdida quando falo disso, porque gostava de fazer alguma coisa e que o sentimento de irmandade guiasse as pessoas que decidem por nós.

Ter um português como secretário-geral da ONU pode mudar o rumo?

Já provou que tem experiência e sensibilidade muito grande para esses problemas. Não tem a ver com o facto de ser português, mas com o homem que ele é e com o seu percurso neste mundo.

Esperava outro tipo de papel da Alemanha, onde também viveu? Tendo nascido em Havana, como olha para a reaproximação dos EUA a Cuba?

Nasci em Cuba e durante seis anos fui lá muitas vezes. Não tenho uma visão de turista, percebo as dificuldades e a dor que as pessoas sentem em função do impacto do embargo na sociedade ao longo de 50 anos. Entre 85 quando nasci (ou as histórias que ouço anteriores) e a Cuba de agora há muitas diferenças. A situação económica em Cuba corrompeu muitas relações entre as pessoas, não é só o embargo, é aquele sistema em que ninguém pode confiar em ninguém. Acompanho, sei que, desde a última vez que lá estive, há quatro anos, muitas coisas mudaram, mas o embargo ainda não acabou e espero que a eleição de Trump não comprometa isso.

E como analisa a eleição de Donald Trump?

Com estupefação. Fiquei dois dias muito triste de pijama em casa. Até porque Hillary teve mais votos – como é possível alguém nessa situação perder umas eleições? Estou abismada e preocupada, não vou perder a esperança, mas os americanos vão ter de viver este momento e crescer com a experiência. Espero que não seja sequer a metade do que prevemos. Como diz o meu querido amigo Agualusa, o presidente dos Estados Unidos devia ser eleito por todo o mundo. ■

momentânea. Componho de forma muito aleatória, não tenho rotina ou disciplina a escrever, mas tenho colocado músicas minhas em todos os discos. A satisfação que tenho ao ver uma música minha evoluir, crescer, sofrer transformações, ser gravada por músicos incríveis e re-arranjada para um espectáculo ao vivo, enfim, é uma relação diferente, até porque em cada música minha sei o que estava a sentir naquele momento e até o que comi! Continuam atuais, não envelhecem mal e isso é um bom sinal. São coisas diferentes e complementares, mas sou mais intérprete do que compositora.

Como recorda trabalhos feitos com outros artistas?

Vou aproveitar para esclarecer: com o Charles Aznavour gravei um dueto; com a Cesária atuei ao vivo várias vezes; com o Chico Buarque gravei, mas foi coletivo, éramos cerca de 20 e passámos um dia em estúdio; com o Caeta-

CINEMA

Conto de Sartre e a estreia que Veneza premiou

Ator em filmes como “Brincadeiras Perigosas” ou “Melancolia”, Brady Corbet realiza pela primeira vez com “A Infância de um Líder”.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

Até “A Infância de um Líder” ter sido distinguido com os galardões do Festival de Veneza para melhor realizador e melhor primeiro filme, Brady Corbet era mais conhecido como ator de “Brincadeiras Perigosas”, “Martha Marcy May Marlene” ou “Melancolia”.

A partir de então, Corbet, que também assina o argumento, neste caso em parceria com Mona Fastvold, ganhou direito a respeito numa nova vertente. Até porque a criação do filme foi rodeada de peripécias ao longo de quatro anos: com pouco dinheiro, Corbet perdeu Juliette Binoche e Tim Roth, estava à beira da falência sem sítio onde viver e com Fastvold, sua companheira, grávida de seis meses, conforme o próprio contou ao site especializado “Indiewire”.

Algumas parcerias depois, as verbas surgiram e a obra foi fil-



Corbet ficou à beira da falência para concretizar projeto que teve de esperar quatro anos e foi filmado em 24 dias

mada em janeiro do ano passado, durante 24 dias em Budapeste.

A história baseia-se num conto de 1939 do filósofo Jean-Paul Sartre. Em traços gerais, recua-se a 1918 e segue-se o rumo que levou à afirmação do fascismo na Europa com as consequências conhecidas.

Género: Drama; **Realizador:** Brady Corbet; **Elenco:** Robert Pattinson, Liam Cunningham, Stacy Martin, Bérénice Bejo; **País:** Grã-Bretanha, Hungria, França; **Duração:** 115m.

ESTREIAS

Animais Noturnos



Austin Wright escreveu “Tony and Susan” e, no regresso sete anos depois da estreia com “Um Homem Singular”, Tom Ford foi distinguido com o Grande Prémio do Júri em Veneza. Emocionante filme que encerrou o Lisbon & Estoril Film Festival, cuja ação se desenrola a partir de um escritor que envia um romance à ex-mulher, dedicando-lho numa altura em que esta vive crise no segundo casamento.

Género: Thriller; **Realizador:** Tom Ford; **Elenco:** Amy Adams, Jake Gyllenhaal, Michael Shannon, Michael Sheen, Laura Linney, Aaron Taylor-Johnson, Isla Fisher, Armie Hammer, Andrea Riseborough; **País:** EUA; **Duração:** 117m.

O Exame

Cristian Mungiu já fora premiado com a Palma de Ouro no Festival de Cannes com “Quatro Meses, Três Semanas e Dois Dias” e “O Exame” trouxe-lhe outro galardão no certame gaulês, conferindo-lhe o estatuto de melhor realizador. Aqui trata-se da situação da filha de um médico romeno que se prepara para o último passo antes de assegurar uma bolsa para estudar Psicologia em solo inglês. Porém, na véspera do exame



decisivo, a jovem é vítima de um atacante com identidade não determinada e o pai intervém com o objetivo de garantir o seu sucesso. O pior são os métodos a que vai recorrer.

Género: Drama; **Realizador:**

Cristian Mungiu; **Elenco:** Adrian Tititeni, Maria-Victoria Dragus, Rares Andrici; **País:** Bélgica, Roménia, França; **Duração:** 128m.

A primavera de Christine

A realizadora Mirjam Unger parte do livro autobiográfico de Christine Nöstlinger, habitual escritora de obras com caráter infantil, contando episódios relativos à fase final da II Guerra Mundial, em 1945. Em



causa está a debandada das tropas germânicas face ao triunfo aliado e a chegada dos soldados rusos a território austríaco.

Género: Drama; **Realizador:** Mirjam Unger; **Elenco:** Hilde Dalik, Konstantin Khabenskiy, Zita Gaier, Ursula Strauss, Gerald Votava; **País:** Áustria; **Duração:** 100m.

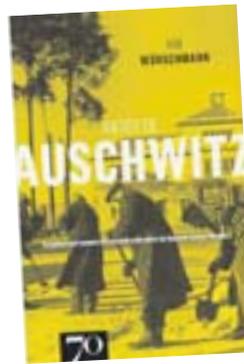
LIVROS

“Sangue, Suor e Lágrimas”, de Pedro Protes da Fonseca (Matéria-Prima)

Uma viagem pelos percursos, ações, discursos e frases de 33 personalidades marcantes para a História da Humanidade. Da Grécia Antiga à atualidade, de Sócrates a Obama, passando por Ghandi e Mandela, do “blood, sweat and tears” de Winston Churchill ao “I have a dream” de Martin Luther King, uma coleção de episódios e momentos inspiradores nos mais variados países do mundo. Sem esquecer Mário Soares e Portugal.



“Antes de Auschwitz”, de Kim Wünschman (Edições 70)



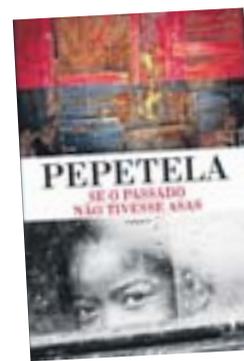
As deportações de judeus para os campos de concentração foram iniciadas antes da II Guerra Mundial e o autor apresenta dados rigorosos sobre o assunto. Wünschman desenvolve investigação a diversos campos de concentração, entre os quais Auschwitz, Sachsenhausen, Buchenwald e Dachau. O resultado mostra “a sua importância instrumental para a construção de um estado fascista totalitário obcecado pela pureza racial”.

“O Islão Político: Ontem e Hoje”, de John M. Owen (Bertrand)

Professor da Universidade da Virgínia, especialista em Ciência Política e Relações Internacionais, coopera com o projeto pela Liberdade Religiosa do Centro Berkley de estudos sobre Religião, Paz e Assuntos Internacionais da Universidade de Georgetown. A obra estabelece a comparação entre o duelo do islamismo e do secularismo com choques ideológicos na História ocidental.



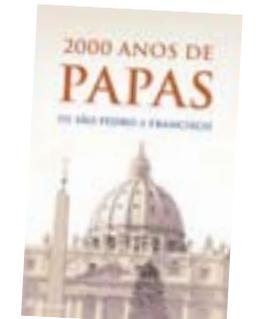
“Se o Passado não Tivesse Asas”, de Pepetela (D. Quixote)



Conforme indica a editora, o livro escrito por Pepetela “cruza duas histórias, duas grandes personagens femininas, numa narrativa original com desfecho imprevisível, que retrata os últimos 20 anos da história de Angola”. Nascido em Benguela no ano de 1941, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela) é licenciado em Sociologia, foi “guerrilheiro do MPLA, político e governante”. Em 1997 recebeu o Prémio Camões.

“Dois Mil Anos de Papas”, de Roberto Monge (Leya)

Percursos, personalidades e influência histórica de cada líder da Igreja Católica ao longo de dois mil anos. O trabalho tem ilustração com gravuras oriundas da obra “Album dei Papi”, de 1885, cujo autor foi Joseph Hergenröther, o primeiro diretor dos Arquivos do Vaticano. Segundo a editora, “apenas os três últimos papas foram retratados pelo lápis de Davide Le Grazzie”.





GOURMET

A grande renovação do Alentejo

A região tem em marcha um plano de sustentabilidade ímpar que a vai colocar na vanguarda do setor dos vinhos em toda a Europa. E não se trata só de vantagem competitiva.

Bruno Lobo
blobo@jornaleconomico.pt

“Não existe algo assim em nenhum outro país da Europa”, começa por afirmar o presidente da Comissão Vitivinícola Regional Alentejana (CVRA), Francisco Mateus, com quem nos encontramos precisamente para conhecer este plano. “Somos a primeira região a ter um plano integrado”, explica.

A produção do Alentejo é hoje consumida maioritariamente em Portugal. Apenas 30% é exportado, mas existe a clara consciência de que “o mercado nacional não tem capacidade para crescer mais, pelo que temos de olhar lá para fora”.

A muito breve trecho, vários países importadores – sobretudo no Norte da Europa – terão normas apertadas para os vinhos que não cumpram regras de sustentabilidade. Proibindo, pura e simplesmente, como será o caso do governo sueco já em 2020, ou taxando de tal forma que colo-

cam em causa a viabilidade do negócio. É, por exemplo, o caso do Canadá. A ideia da CVRA é colocar os seus produtores na dianteira desta nova realidade.

“Trata-se da diferença entre a entrada no comboio na primeira carruagem ou à pressa, na última”, acrescenta João Barroso, responsável pelo projeto na CVRA. Até porque, apesar de não existir algo parecido na Europa, “no novo mundo – EUA, Austrália e Nova Zelândia, Chile – é quase prática corrente. Estamos num mercado global e, se muitos dos concorrentes o fazem, parece-me lógico que mais cedo ou mais tarde os outros países o façam também”, refere.

Mas o plano não se resume a uma vantagem competitiva. O âmbito é maior porque as pressões ambientais são um problema real no Alentejo. Em última análise, o fim será “garantir condições para que o Alentejo consiga produzir vinhos durante muitos e muitos anos. Uvas e vinhos de qualidade, economicamente viáveis”, aponta Francisco Mateus. De facto, negócio e prote-

ção ambiental estão intimamente ligadas: adotando as boas regras promove-se um consumo menor de recursos como água e energia.

Poupança de água

João Barroso dá o exemplo de um produtor que passou para um modelo de reutilização de águas “e, com um investimento de mil euros, conseguiu poupar 30 milhões de litros de água por ano. No Alentejo temos de tudo. Produtores gastam 14 litros de água para produzir um litro de vinho. Outros apenas litro e

meio. Não é incomum gastarem-se oito, 10 litros. Muitas pessoas não têm ideia, mas a água é um dos maiores custos no vinho.”

E existem outros exemplos, como “as casas de morcegos. Não custam nada, são uma caixa de madeira com dimensões adequadas a morcegos e basta uma para 50 hectares de vinha. Os morcegos comem os insetos e ajudam a prevenir as pragas. Não se usam pesticidas, poupa-se dinheiro e não se prejudica o meio ambiente. Em Cortes de Cima, como têm muitas pragas de caracóis, combatem-nos com um bando de gansos que entram nas vinhas e os comem.” Veja-se também o exemplo da Adega de Borba, que tem o maior telhado verde (relvado) da Europa. “Como baixa a temperatura no interior, reduzem-se enormemente os custos energéticos.”

O plano está organizado em três setores – Viticultura, Adega e V&A – para corresponder à diversidade dos membros da Comissão que podem ser apenas produtores de uva, adegas ou ter o ciclo completo. Os critérios a

cumprir são extensos e apertados. “São 119 mas estamos já a acrescentar uma segunda leva para, em 2018/19, termos tudo pronto para poder certificar os produtores.” Essa certificação será atribuída por uma entidade externa.

“Estamos no terreno há um ano e meio, dois anos”, confessa o presidente dos Vinhos do Alentejo. “Em pouco tempo passámos para 90 membros e agora já contamos com 126. Nota-se uma boa aceitação.”

Poderá parecer uma realidade reduzida, dado o universo de dois mil associados, mas representam “20% da área de vinha e 43% da produção.” Trata-se das grandes referências, como as Adegas Cooperativas de Borba e Vidigueira, a Fundação Eugénio de Almeida, Esporão, Herdade do Peso, das Servas ou Cortes de Cima, entre muitos outros.

“O que nos interessa é chegarmos em breve a um ponto em que possamos dizer não que A ou B são sustentáveis, mas toda a região. Não se trata de *greenwashing*”, conclui. ■

Em Cortes de Cima, as pragas de caracóis são combatidas pelos gansos que entram nas vinhas e comem-nos

TECNOLOGIA

Uma Internet como nenhuma outra

Elon Musk tem muitos sonhos. O maior será levar a Humanidade até Marte mas, antes, quer fazer chegar a rede a qualquer ponto do globo. Trunfo: lançar 4.425 satélites.

Bruno Lobo
blobo@jornaleconomico.pt

A Space X requereu autorização para lançar uma rede gigantesca de satélites. De acordo com o pedido apresentado à FCC (regulador norte americano), a empresa pretende lançar 4.425 satélites na órbita terrestre, assegurando assim a cobertura total do globo para Internet, exatamente nas mesmas condições e pelo mesmo preço. Hoje, cerca de 57% da Humanidade encontra-se offline e, como se pode ler no pedido, o novo serviço estará disponível para “clientes residenciais, empresas, instituições e governos de todo o mundo”.

As vantagens não se resumem à cobertura. Segundo um estudo divulgado pela norte-americana Akamai, a velocidade média da Internet cifra-se nos 5,6 Mb/s. A Coreia do Sul tem a mais veloz (26,7 Mb/s) e Portugal não está nada mal

(10,6), à frente por exemplo da França (8,2). Segundo a Space X, a velocidade da nova Internet será de 1Gb/s (!), muito superior às melhores redes de cabo ou fibra ótica.

A Space X foi fundada por Elon Musk (PayPal, Tesla, etc) para criar uma colónia humana em Marte, como aliás pode seguir através de “Marte”, a série da National Geographic em

Por enquanto, 57% da Humanidade ainda se encontra offline. No que depender de Musk isso vai acabar depressa

exibição no canal Fox. Mas este projeto, com um custo estimado de 10 mil milhões de dólares, não é menos ambicioso. Basta pensar nos 4.425 satélites envolvidos quando o total a funcionar em órbita é de 1.420. Mesmo levando em conta os quase 2.600 satélites já desativados, mas ainda a flutuar no espaço, trata-se de um valor muito superior ao que a Humanidade alguma vez imaginou colocar lá em cima.

E a Space X não está sozinha na corrida. Também a Boeing Aerospace e a OneWeb, esta ligada à Airbus, têm planos muito semelhantes, embora um pouco mais modestos (“apenas” mil satélites cada).

Apesar das evidentes vantagens destes projectos, quem leu os livros de Astérix, sabe que não só os “romanos são loucos” como os gauleses só têm medo de uma coisa: “Que o céu lhes caia em cima da cabeça.” Aparentemente estamos mais perto de algo semelhante a isso vir a acontecer. ■

Quem é Elon Musk?



Elon Musk não é um homem normal. Aos 45 anos tem tripla nacionalidade (sul-africana, canadiana e norte-americana), duas ex-mulheres, seis filhos e uma fortuna avaliada em 11 mil milhões de dólares, que podem vir a ser apenas uma migalha, dada a quantidade de projetos em que se encontra envolvido. Formou-se em Economia pela universidade da Pensilvânia e, um ano depois, em Física. Escolheu esta área para um doutoramento na universidade da Stanford onde permaneceu uns incríveis dois dias (!), antes de desistir para se dedicar à Zip2, empresa de conteúdos jornalísticos digitais e que acabou por vender, três anos depois, por 307 milhões. Tinha 28 anos e recebeu 22 milhões, metade dos quais investiu num novo projeto de gestão de pagamentos pela internet. Passam mais três anos e a PayPal é comprada pelo eBay por 1,5 mil milhões. Desde então já fundou a Solarcity (a maior empresa energética solar nos EUA) e a Hyperloop, firma de transporte baseada em “tubos de vácuo” que pretende substituir os comboios de alta velocidade, supostamente com claras vantagens, a Tesla e a SpaceX. Se Musk levar a sua avante em breve vamos viajar através de tubos, a energia solar alimentará as nossas cidades e automóveis elétricos de condução autónoma (Tesla) antes, claro, de partirmos para Marte (SpaceX). Defende Musk que, se a Humanidade se estabelecer em mais do que um planeta, as hipóteses de extinção são praticamente nulas.



LUXO

Orgulhosamente nós

A Comodoro é uma marca de gravatas e lenços nascida este ano em Portugal. Enraizada na tradição e de olhos postos no futuro.

Bruno Lobo
blobo@jornaleconomico.pt

Devagar mas decididamente, a tendência confirma-se e surgem cada vez mais marcas de moda que afirmam o orgulho na “portugalidade”. Na nossa herança, tradição e saber fazer. Orgulhosamente nacionais mas definitivamente abertas ao mundo. A Comodoro, nascida em maio passado, é exemplo bem recente. Fazem gravatas, lenços e laços – tudo produzido à mão em Vila Nova de Famalicão –, que querem levar aos quatro cantos do mundo. A escolha do nome já o indica: “É um nome enraizado em todo o caminho desbravado e conquistado pelos portugueses por via marítima. Os mesmos caminhos que a marca quer desbravar” explicam os quatro amigos (Bernardo Salvador Marques, Martim Yglesias, Luís e Nuno Guimarães) que se uniram para lançar este projeto.

No ano passado, em conversa “no início da época de casamentos”, descobriram que não existia marca nacional focada na produção de acessórios modernos para homens. E, acreditando que “qualquer visual está incompleto sem acessórios”, decidiram lançar a Comodoro. Da conversa à criação passou exatamente um ano e a colaboração de Catarina Fezas Vital trouxe as competências que lhes faltavam na área do design.

Arrancaram com três coleções permanentes em carteira: *Heroes Silk Tie Collection* (mais premium e padrões elegantes) *Portuguese Heritage Knitted Tie Collection* (mais moderna) e a *Portuguese Innovation Printed Tie Collection* (mais irreverente). Agora apresentaram ainda uma *Contemporary Heroes Tie Collection*, uma edição especial de gravatas com o apoio e apadrinhamento de alguns projetos empreendedores que arrancaram em tempo de crise e lhe souberam fazer frente.

“O nosso objetivo é elevar tudo o que é português, sejam empresas ou pessoas, e homenagear os empreendedores que, mesmo enfrentando um panorama económico-financeiro adverso, quais navegadores que enfrentaram as piores tempestades, se lançaram em negócios



que vieram a revelar-se de grande sucesso. Projetos como o *Figaros* (na imagem), *The Independent Collective*, Harper, *Village Underground*, Santini, Capitão Fausto, num total de 24 entidades representadas. ■

Uma nova coleção de gravatas serve para homenagear os heróis contemporâneos: aqueles que encaram as adversidades de frente, como no tempo das Descobertas

Por que razão usam os homens gravatas? E desde quando?

É o maior símbolo da indumentária masculina mas poucos conhecem a sua história. Eventualmente pode alegar-se que sempre existiu, embora se confunda com o cachecol. Existem certamente provas de que chegou a ser usada na China antiga, no Egipto dos Faraós e na Roma Imperial. Dito isto, os historiadores da moda concordam que as origens mais “modernas” encontram-se na corte do rei francês Luís XIII, no século XVII. Durante a guerra dos 30 anos, que opôs o Império espanhol dos Habsburgos a França e Suécia, as várias partes do conflito contratavam mercenários e alguns dos mais famosos vinham da Croácia. Entre estes era costume atar-se um lenço ao pescoço que tinha também a dupla utilização de prender o casaco. O rei francês terá ficado tão impressionado por esta pequena peça que recomendou ao seu alfaiate incluí-la na indumentária real. Nesse tempo, os croatas eram, em francês, ‘cravates’ e foi esse o nome da nova peça – Cravate, isto é, gravata. Do rei passou para a corte e usá-la tornou-se um símbolo de estatuto – que ainda hoje retém. Mas foi só no início do século passado que a gravata assumiu a forma que hoje conhecemos, embora o comprimento e os padrões tenham variado muito. Já foram finas e discretas, largas e coloridas, consoante o espírito do tempo. Afinal, trata-se de um acessório cuja única utilidade é revelar a personalidade do portador.



ROTEIRO

LISBOA

25 e 26: Vodafone Mexefest – Com concertos pela Avenida da Liberdade fora, seja em salas ou noutros espaços como o autocarro, o cartaz engloba inúmeras opções e propostas. Elza Soares, Mayra Andrade, Celina da Piedade, Branko, Gallant, Jagwar Ma [na foto], Kevin Morby, Mallu Magalhães, Nao, Talib Kweli, Whitney, Bruno Pernadas, Céu, Dignable Planets, Howe Gelb, Sunflower Bean, Taxiwars ou Octa Push são apenas alguns dos intérpretes que vão marcar presença nos dois dias de atuações.



25: Coro do Teatro Nacional de São Carlos e Orquestra Sinfónica Portuguesa: 300 anos do Patriarcado de Lisboa – Teatro São Carlos, 21h00. Em ação vão estar os cantores líricos Sandra Medeiros, Cátia Moreso, Mário João Alves e Rui Baeta, num concerto dirigido por Rui Pinheiro e com obras só de compositores portugueses setecentistas.

Preços: entre os 10 e os 20 euros.

25: Coraçam Coraçam – Museu Nacional da Música, 18h00. Na comemoração dos 500 anos do Cancioneiro Geral, a peça tem direção e criação de Pedro Filipe Mendes.

25: Colóquio “Chá nas Nuvens” – Cinemateca, 21h00. Homenagem ao primeiro filme publicitário português e ao seu realizador, Raul Caldevilla

25: Madame Butterfly – Praça do Campo Pequeno, 21h00. Com libreto de Luigi Illica e Giuseppe Giacosa, a obra de Giacomo Puccini é apresentada pela Ópera del Mediterraneo com direção do maestro Fernando Alvarez.

25: Columna Flamenca – Festival Flamenco de Lisboa – Teatro da Trindade, 21h30. Com coreografia de Alexandra Battaglia e criada por Francisco Carvajal e Juanxin Osaba, a primeira obra a ser apresentada neste evento chama-se “Corpo Sonoro”. A inspiração deste trabalho chega de “Rayuela”, do escritor Júlio Cortazar, mas

também dos poemas de Federico Garcia Lorca e de “Street Hassle”, de Lou Reed, álbum gravado em 1978.

25: Carlos Bica & Azul com Frank Möbus e Jim Black – Culturgest, Fundação CGD, Grande Auditório, 21h30. Preços: 15 euros; jovens até aos 30 anos e desempregados: cinco euros.

25: Justin Bieber: The Purpose World Tour – MEO Arena, 19h30. É o último show de uma digressão com 30 escalas e que começou em setembro na cidade de Berlim.



De 25 a 27: Mercado do Mel e doçaria conventual – Mercado da vila (Cascais), 16h00.

De 25 a 14/1: Daniel Blaufuks: Tentativa de Exaustão – Galeria Vera Cortês, rua João Saraiva, nº16, 1º andar. A inauguração é hoje, às 22h00. Aberta de terça a sábado, entre as 14h00 e as 17h00.

De 25 a 26/3: Sonae Art Cycles 2016 – Hugo Canoilas: “Debaixo do Vulcão”, no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado (MNAC-MC).

26: Nicole Eitner: Songs for a Better World – Fábrica Braço de Prata (sala Nietzsche), 22h30.

29: Cinemateca – “This Happy Breed”, de David Lean, 15h30; “Hush... Hush... Sweet Charlotte”, de Robert Aldrich (homenagem a Olivia de Havilland), 19h00; “Kirmes” (A Quermesse), de Wolfgang Staudte (ciclo República Federal da Alemanha, 1949-63:

Amados e Rejeitados), 21h30.

28: Sofia Areal: um Gabinete Anti-Dor – estreia do filme de Jorge Silva Melo. Teatro Municipal São Luiz (sala Mário Viegas), 18h30.

De 29 a 11/12: Festival “Bom dia, Atenas” – Teatros Maria Matos e São Luiz. Em causa está um novo evento bienal sobre a criação artística de cidades pouco vistas nos palcos portugueses, neste caso dedicado ao teatro e à dança de companhias gregas. O primeiro exemplo será “Private: Wear a mask when you talk to me”, de Alexandra Bachzetsis, em exibição terça e quarta-feiras, no Maria Matos, às 21h30.

PORTO

25: Encontro com Richard Zimler: apresentação do livro “O Evangelho Segundo Lázaro” – Fnac Norteshopping, 18h30.

25: Vozes da Rádio ao Vivo – Auditório Municipal de Gondomar, 21h30. Integrado no ciclo “Conta-me Histórias”, o espetáculo tem, como os restantes, condução de Artur Silva (programador cultural), Jorge Oliveira (pivot da RTP) e Tito Couto (consultor editorial).

Até 15/1: 8x8, Joalheria de Autor, pop-up store – Galerias Lumière, Loja 8. Oito jovens designers de joalheria juntam-se para apresentar as suas coleções em nome próprio: Ana Bragança, Ana Pina, Áurea



PORTO

25: Alma Russa – Casa da Música, sala Suggia, 21h30. Integrada na programação do “Ano Rússia”, sob a direção do maestro Baldur Brönnimann e com Alexei Tanovitski (baixo, na foto), a Orquestra Sinfónica do Porto interpreta um programa que inclui as obras de Modest Mussorgski “Uma Noite no Monte Calvo”; “Canções e Danças de Morte” por Modest Mussorgski e Dmitri Chostakovitch; “Danças polovtsianas” de Príncipe Igor por Alexander Borodin e “Capricho Espanhol” (op. 34), por Nikolai Rimski-Korsakoff. Preço: 19 euros (14,25; 15,20 ou 16,15 nos casos com desconto).



Praga, Joana Santos, Lia Gonçalves, Marta Pinto Ribeiro, Susana Teixeira e WEK. Juntas, inauguram um espaço próprio nas Galerias Lumière, no Porto, dando a conhecer as suas marcas em nome próprio.

ALGARVE

Até 27: Festival da Batata Doce: Gastronomia, Mercados e Feiras – Programa Lavrar o Mar, Teatro Culinário “Peep & Eat”, Polidesportivo de Aljezur, 20h00.

Versão algarvia de uma peça da companhia belga Laika – tem passado por toda a Europa desde 1998. Neste caso estão englobados produtos icónicos da região e com aplicação em receitas inesperadas.

27: Outras Vozes – Coro Feminino – Cine-Teatro Louletano, das 15h30 às 17h00.

ÉVORA

26 a 11/12: Mostra de gastronomia de caça – Casa da Cultura de Mora. Um jantar, na Quinta de Santo António, dá o mote para a 21ª edição da Mostra, onde 12 restaurantes vão dar a conhecer 40 diferentes pratos de caça, com destaque para o javali, veado, faisão, perdiz e coelho bravo.

COIMBRA

25: Seminário: Fair Trade and Women’s Empowerment in Conflict Zones – Faculdade de Economia da Universidade, das 14h00 às 17h00.

Com Roni Ben Efrat (Sindyana of Galilee) e comentários de Teresa Cunha (CES).

27: Concertos Erro Crasso: Savanna + aft – Aqui Base Tango, das 17h00 às 19h00.

SETÚBAL

25: Valter Hugo Mãe volta a Sines – A das Artes Livraria: apresentação do romance “Homens Imprudentemente Poéticos”, por Márcia Balsas e Dina Silva. Inclui sessão de autógrafos com o autor, das 21h00 às 22h00.

25: António Zambujo – Multusos de Sines, 21h30.

GUARDA

25: Exposição “Transversalidades 2016 – Fotografia sem Fronteiras” – Teatro Municipal, 18h00.

27: GNR ao Vivo – Teatro Municipal, 21h30. Concerto no âmbito da digressão relativa aos 35 anos da banda.

UISEU

26: Queijo Serra da Estrela à Chef – Parador da Ínsua, Penalva do Castelo. Às 12h30, Showcooking Queijo Serra da Estrela à Chef; às 16h30, Workshop “Queijo Serra da Estrela – da produção à comercialização” e às 18h30, Prova cega de Queijos Serra da Estrela.

BRAGA

25: Apresentação do documentário “Mário Cesariny” – Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão, 18h00.

25 e 26: Encontros de outono: Censura em Portugal (1910-1974) – Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, das 9h00 às 13h00.

AÇORES

26: Mário Laginha e Pedro Burmester: Concerto a Dois Pianos – Teatro Micaelense, Ponta Delgada, 21h30.